

AS PRÁTICAS APLICADAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

José Carlos Barbosa da Silva (1); Roberta Xavier Montenegro Bezerra (1); Mylla Christtie Montenegro Bezerra (2); Kalligiana Araújo de Farias (3); Valmir Pereira (4).

- (1) Universidade Estadual da Paraíba, carlossilva_barbosa@hotmail.com ;
- (2) Universidade Estadual da Paraíba, robertamontenegroseguros@hotmail.com ;
- (3) Universidade Estadual da Paraíba, mmyllac@gmail.com ;
- (4) Universidade Estadual da Paraíba, kalgiana_filo@hotmail.com ;
- (5) Universidade Estadual da Paraíba, provalmir@gmail.com .

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar as práticas de ensino utilizadas pelos docentes da área filosófica, e, através dessa análise fazer uma reflexão acerca das dificuldades que os mesmos encontram na construção dessas novas práticas; Com a prática da reflexão sobre a prática vivida e concebida teoricamente, são abertas perspectivas de futuro proporcionadas pela postura crítica, mais ampliada, que permitem aos docentes perceber os problemas que permeiam as atividades e a fragilidade das novas práticas que são aplicadas para o ensino de filosofia, para o filosofar. Também tem como intuito oferecer, de certo modo, uma nova visão de como expor a filosofia em sala de aula. Visão esta que se dá com práticas de ensino que despertem nos alunos cada vez mais a vontade de fazer filosofia, de pensar, trazendo algo até mesmo do seu cotidiano e problematizar, para assim ser feita a filosofia. E, esse despertar dos alunos se dá pelas práticas que o docente disponibiliza na exposição do conteúdo filosófico. Dessa inserção, foi possível obter algumas impressões acerca das dificuldades da prática de ensino em Filosofia, constatando-se que as mesmas se devem basicamente a três fatores, a saber, pelo contexto sociocultural dos estudantes e da escola, pela natureza da disciplina e pela metodologia empregada pelos docentes, que tanto somos nós graduandos, futuros docentes e também os docentes já graduados. Filosofia pode ser compreendida como exercício do pensamento, no sentido daquela prática na qual cada sujeito estabelece relação própria com o pensar, na possibilidade de formação e transformação do que se é.

Palavras-chave: práticas de ensino, filosofia, docente, alunos.

Introdução:

Já ouvimos falar por muitas vezes, da atividade filosófica, ou antes, dessa, da natureza da filosofia; já vimos visões como, por exemplo, a máxima Kantiana que diz “não se ensina filosofia, mas a filosofar”; e desse modelo à docência da filosofia, pode se tratar de uma atividade filósofo pedagógica, e, pode assumir outro aspecto; diverso daquele desenvolvido na academia; e este por sua vez nos molda (enquanto futuros docentes) com uma base mais teórica, onde vemos a filosofia com olhos voltados a sua fundamentação teórica. E, quando saímos da academia, nós futuros docentes (ou os docentes já graduados), nos deparamos com uma realidade no campo escolar diferente da que era formulada enquanto alunos de graduação.



Os docentes em filosofia, quando saem do “mundo da imaginação” e vão para a “realidade”, na maioria das vezes encontram problemas e os mesmos estão voltados para as praticas que são utilizadas para o ensino de filosofia; são diversas as praticas de expor o conteúdo do mundo filosófico, elas percorrem um caminho que é traçado desde a utilização apenas de um livro didático, expor o que nele é abordado; e partindo dessa teoria elaborar provas, solicitar resenhas como forma de avaliação de aprendizagem dos alunos; e que vai também as praticas da docência mais moderna, como por exemplo, falar de Heráclito (filosofia antiga) onde para ele tudo está em constante movimento, e para expor a arché de Heráclito fazer uso da letra da musica de Lulu Santos “nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia...”, ou até de partir para práticas além dos muros da escola; falando da filosofia cotidiana, pode ser com temas éticos, entrevistas com alguém de influência na sociedade etc. São práticas distintas, mais que no ramo da filosofia, da educação em geral se juntam com o mesmo objetivo, o de educar. Nessa perspectiva, Piconez (2005, p.27) afirma que “com a prática da reflexão sobre a prática vivida e concebida teoricamente, são abertas perspectivas de futuro proporcionadas pela postura crítica, mais ampliada, que permitem perceber os problemas que permeiam as atividades e a fragilidade da prática”.

Partindo do que foi descrito, no entanto, parece haver um consenso entre os psicólogos sociais e pedagogos que a “interação”, notadamente a verbal, pode ser fonte de aprendizagem. Estudos nessa área mostram que as crianças e os adolescentes são capazes de descobrir, discutindo entre eles sob a direção de um adulto, noções que nenhum deles dominava antes da interação e que se a interação é prolongada por atividades verbais de tomada de consciência e retorno reflexivo sobre as atividades mentais, em especial aquelas que permitiram alcançar o objetivo, a transferência das aquisições, isto é, a capacidade de descontextualizar e contextualizar necessária para estabelecer a aprendizagem, é reforçado. É bem verdade que nem toda interação verbal leva por si ao desenvolvimento intelectual da criança e do adolescente, mas não há dúvidas de que ela pode contribuir. De modo que se a confrontação entre pares tem o poder de produzir conhecimento, o debate em classe, desde que organizado a este fim, isto é, desde que filosófico, se mostra como uma ferramenta pedagógica fundamental e proeminente sobre todas as outras para o ensino da filosofia. De acordo com o que foi visto acima, utilizei como embasamento teórico do presente artigo o filósofo contemporâneo Hegel; que mesmo sem ter obras específicas, voltadas para o ensino de filosofia; os escritos dele estão ligados a preocupação ao ensino de filosofia e a formação, ele sempre esteve envolvido profissionalmente com o ensino, de 1801 a 1806 Hegel foi professor de filosofia na universidade na universidade de Jenecargo. Em 1818 substituiu Ficht na universidade



de Berlim, e permaneceu até o seu falecimento em 1831, como professor de filosofia. Seus pensamentos sobre a educação são encontrados em: Discurso ao reitor Schenk(1809); Discurso do encerramento dos anos letivos, de 1809,1810,1811,1813,1815. Discursos voltados para a questão do ensino e da formação, políticas educacionais e a organização do ensino. Suas ideias sobre o ensino de filosofia mais especificadas, são encontradas no Informe a Niethammer, de 1812(acerca da exposição da filosofia nos ginásios).

Cabe ao professor ser o anunciador e o transmissor dos saberes produzido anteriormente pela humanidade e pela filosofia. Nesse sentido, existe uma impossibilidade de que o indivíduo aprenda sozinho a filosofia e tais saberes. O professor-filósofo é, então, essencial no ensino da filosofia porque já superou a dicotomia entre o conteúdo e o método, entre a teoria e a prática, sendo capaz, portanto, de fazer as mediações imprescindíveis para o aprendizado dos iniciantes. Hegel compreende que “O modo de proceder para familiarizar-se com uma filosofia plena de conteúdo não é outro senão a aprendizagem. A filosofia deve ser ensinada e aprendida na mesma medida em que o é qualquer outra ciência” (1991, p. 140). O professor tem papel fundamental nesse processo, pois ele é o mediador da aprendizagem.

Em geral se distingue um sistema filosófico com suas ciências particulares do filosofar mesmo. Segundo a obsessão moderna, especialmente da pedagogia, não se tem de instruir tanto em relação ao conteúdo da filosofia, quanto se tem de procurar aprender a filosofar sem conteúdo; isto significa mais ou menos o seguinte: deve-se viajar e sempre viajar, sem chegar a conhecer as cidades, os rios, os países os homens etc. (Hegel, 1991, p. 139).

Como foi visto anteriormente, diversos são os problemas que o docente de filosofia, e, da educação em um modo geral enfrenta ao adentrar no mundo da sala de aula. Mais expondo com mais clareza o de filosofia, digo que tanto os recém-graduados, quanto os que já possuem alguns anos de docência na bagagem curricular enfrentam. Quando iniciamos nossa graduação para sermos futuros docentes do mundo filosófico, a base primeira é a filosofia antiga, vemos os pré-socráticos, a história da filosofia, mitologia, entre outros conteúdos de extrema importância. Então será que a prática de ensino de filosofia é, chegar em sala de aula e falar por exemplo sobre a “alegoria da caverna” de Platão para os alunos? É uma pergunta creio eu de modo peculiar difícil de ser respondida; porém não é impossível tecer uma resposta para a mesma. Também, pois está presente nos livros didáticos (que é uma das práticas do ensino de filosofia), a filosofia antiga, mitologia, pré-socrática, a filosofia medieval, contemporânea, e, isto deve ser transmitido para os alunos; porém não podemos nos prender apenas a explicações de conteúdos de livros didáticos. A filosofia vai além dos livros, ultrapassa os muros de uma escola, claro é de extrema importância pra nós





enquanto docentes ou futuros docentes, expor para os alunos os conteúdos que foram acima citados; mais para exposição dos mesmos devemos problematiza-los, e assim levar o conceito pra sala de aula; e, a partir daí surge outra pergunta: Será que fora dos muros da escola encontramos filosofia? A resposta para essa segunda pergunta é mais fácil, e pode-se dizer que sim; pois a filosofia é algo do nosso cotidiano, está presente em maioria dos nossos atos do dia a dia, senão em todos; e levar a filosofia e seus conteúdos além do ambiente escolar é uma das práticas a qual os docentes em filosofia fazem uso.

Nas escolas filosóficas da Antiguidade, assim como entre os filósofos que foram professores (por exemplo; Kant, Hegel, Nietzsche, etc.), o diálogo argumentativo, na forma de uma interpelação recíproca entre mestre e “discípulos”, foi, por excelência, o meio de transmissão de ideias: Sócrates e Epiteto, por exemplo, não escreveram nenhum livro e Platão, ao que parece, possuía uma doutrina oral diferente de sua obra escrita.

[...] o estudo da filosofia é um trabalho próprio, já é uma aprendizagem – a aprendizagem de uma ciência configurada, já existente. Esta constitui um tesouro que consta de um conteúdo adquirido, disposto, formado; este bem herdado existente deve ser adquirido pelo indivíduo, quer dizer, deve ser aprendido. O professor o possui; ele o pensa previamente, os alunos o pensam depois. (Hegel, 1991, p. 141).

Nesse sentido, a proposta de uma discussão teórico-metodológica sobre o seu fazer se impõe pela necessidade de consolidarmos a importância do seu ensino ultrapassando as fronteiras de uma imposição de conteúdos preestabelecidos provenientes da História da Filosofia e ressignificando, pelo exercício do diálogo e pela práxis da conversação argumentativa, a construção de habilidades e competências para o ensino e aprendizagem do filosofar em nível médio.

Em contrapartida, há também um conjunto de fatores que são internos, pois ao trabalharmos com a Filosofia em uma sala de aula do ensino médio, por exemplo; pois é a partir daí que o aluno tem seu contato com a filosofia estamos, nesse sentido, diante de dois problemas. O primeiro é a quase natural (izada) dificuldade dos jovens estudantes com a linguagem. O segundo é o desconhecimento das especificidades dos textos filosóficos, isto é, da linguagem filosófica. A superação do primeiro problema é pré-requisito para a solução do segundo. A compreensão desse contexto e a avaliação das dificuldades relacionadas ao ensino de filosofia na escola são fundamentais para a busca de algumas respostas aos problemas enfrentados; no entanto, no que diz respeito ao contexto geral do nosso sistema de ensino, este não é um trabalho somente da filosofia.

Inspirados em Cabrera (2010, p. 32-33), entendemos ser crucial o enfrentamento do desafio que é o de ir além do cânone tradicional, o mais enconstrução e ensino





inexistência, nos currículos de Licenciatura em Filosofia, de disciplinas pedagógicas tratando especificamente sobre o diálogo argumentativo como mediador de práticas educativas. Da mesma forma, os manuais especializados são férteis em conselhos metodológicos aos professores e alunos no que diz respeito às atividades escritas (dissertação, comentário do texto, etc.), mas praticamente mudos em relação ao debate filosófico em sala. E o mesmo acontece no âmbito da pesquisa em didática da filosofia onde, contrariamente à prática escrita, são raros os trabalhos e artigos referentes ao ensino dialógico.

Recorrendo uma vez mais à noção de filosofia de Deleuze e Guattari, uma „filosofia maior“ partiria de um plano de imanência já traçado, de personagens conceituais já inventadas: logo, os conceitos a serem criados nada mais seriam do que simulacros. Uma „filosofia menor“, ao contrário, buscaria o estranhamento, traçaria novos planos, inventaria novas personagens, criaria conceitos sempre novos. Em suma, daria voz a discursos distintos, faria falar aqueles postos à margem pelos poderes instituídos (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 73-88)

Por um processo de “dessincretização”, na medida em que as especializações pertinentes às práticas de aprendizagem; desliga-se dos vínculos autorais, “despersonalizado”, expresso nas práticas de avaliação para certificações; precisa ser um conhecimento com um grau de “publicidade” que viabilize sua apropriação pelos que deverão transmiti-lo e recebe-lo.(Ibid; p.48)

É possível que seja estabelecida uma coerência entre a prática de ensino em filosofia e as concepções teóricas sócias construtivas; dessa maneira temos duas etapas, a primeira relacionada ao elemento que transmite movimento a atividade filosófica como criação conceitual, os acontecimentos que a partir deles se faz vir a tona situações ou problemas, está relacionada também a responsabilidade do docente em se aprofundar nas práticas de ensino de filosofia, e fazer com que os alunos se sintam com mais disposição aos conhecimentos filosóficos; vendo que para ensinar filosofia, para se educar, o docente não precisa se prender apenas a sala de aula ou ao livro didático, mais para isso deve-se levar em consideração o ambiente escolar ao qual o docente está inserido; na etapa seguinte, o aluno, possa compreender essas situações e problematiza-la junto com o docente.

Aprender é aprender com alguém, por intermédio de alguém, isto é, por um processo necessariamente mediado. Sem intervenção não se pode esperar que a educação se realize. A consciência em Hegel não é um ensinamento nem uma auto suficiência (Hegel, 2005, p.134).

O dialético é o segundo grau da forma e é, de acordo com a apreciação hegeliana, mais difícil e talvez também menos interessante para o aluno. Difícil porque se trata de se deparar com as posições que avaliam as determinações postas pelo abstrato. O momento dialético é o da contestação do antecedente através de novas determinações que ganham



visibilidade muito mais pelo embate que promovem do que por si mesmas. Por isso, o momento dialético também pode ser visto como pouco interessante, pois não se trata de “concreção” e nem de “realização”. (Novelli, 2005, p. 142)

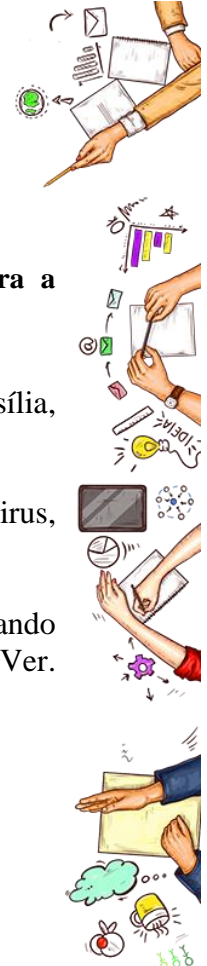
Considerações finais:

Por fim, partindo do que foi abordado no desenvolvimento do presente trabalho, vemos que através das práticas de ensino usadas pelos docentes; independente de qual seja, o aluno poderá relacionar sua compreensão do problema a prática pela qual o mesmo foi exposto, e, dessa relação com outros conceitos; novas práticas, estabelecer novos paradigmas para sua visão de mundo. Por meio das práticas de ensino, do ensino em si, o estudante não só aprenderá conteúdos filosóficos, mais verá a filosofia com outros olhos, e, perceberá sua importância e que ela está presente até no seu cotidiano; ele aprenderá a fazer filosofia, e os conceitos são os meios a fazer filosofia, e os conceitos são os meios de pensar, pois ao pegar determinado assunto, e dele extrair um problema; o aluno desta maneira está pensando.

Nesse sentido, dado a necessidade de se levar em conta esse conjunto de fatores, a proposta de novas práticas de ensinar filosofia, que tem como objetivo fazer com que o aluno através do conteúdo exposto e em relação com a prática ao qual o mesmo foi inserido, venha pensar; pois isto é filosofia, o despertar no aluno voltado para o pensamento; sem esquecer-se de citar o sistema didático (na qual a relação didática aluno-saber-professor está inserida) na sua relação com o sistema de ensino e seu entorno social (noosfera), contribui para o processo de transposição didática dos saberes a serem ensinados. Portanto, a proposta de antropologização da epistemologia vem no sentido de fazer com que estes saberes sofram certas transformações adaptativas que levem em conta os fatores e contextos externos a relação didática aluno-saber-professor.

REFERENCIAS

- HEGEL, F. (1809-1822) **Escritos pedagógicos**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1991.
- RUFFALDI, E. **O ensino de filosofia na Itália**. In: Gallo, S; Cornelli, G.; Danelon, M (Orgs). Filosofia do ensino de filosofia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- NOVELLI, Pedro Geraldo Aparecido. **O ensino da filosofia segundo Hegel**: contribuições para a atualidade. Trans/Form/Ação, Marília, v. 28, n. 2, 200.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997



NOVELLI, Pedro Geraldo Aparecido. **O ensino da filosofia segundo Hegel: contribuições para a atualidade.** Trans/Form/Ação, Marília, v. 28, n. 2, 2005.

Parâmetros curriculares nacionais (Ensino Médio): **ciências humanas e suas tecnologias.** Brasília, DF, 2000. parte IV.

PICONEZ, S. (Org.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado.** Campinas, SP: Papirus, 2005

ARRUDA, J; SOARES, M; MORETTI, M. (Re) Afirmado, (Re) Negociando e (Re) Criando **Relações no Ambiente Escolar: a influência do contrato didático no ensino matemático.** Ver. PEC, v. 3, n. 1, p. 19-30, jul. 2002-jul. 2003.

